

Que saudade da professorinha

Paulo Paiva¹

Nem é bom pensar. Esperávamos novembro chegar para celebrarmos os 80 anos do professor emérito da UFMG e primeiro PhD em Demografia do Brasil. José Alberto não esperou, partiu antes e a pandemia não nos deixou nem ao menos dele nos despedirmos. Em sua brilhante carreira, Zé Alberto, como era conhecido, ou simplesmente Zé para os mais íntimos, nunca perdeu a simplicidade, o humor e seu jeito mineiro de ser, modesto nas palavras, generoso no companheirismo.

Muito cedo, José Alberto aprendera a lição que Ataulfo Alves lhe ensinou: “laranja madura na beira da estrada tá bichada, Zé, ou tem marimbondo no pé”. Aprendeu que nada na vida seria fácil, como não foi. A vida teria de ser, a cada dia, conquistada com tenacidade.

O jovem, recém-chegado do interior de Minas, entrou pela primeira vez no prédio da Rua Curitiba 832, em 1961, para cursar economia. Desde então, não mais deixou essa casa. Viveu aí, três quartos de sua vida; aí fez toda sua carreira, de aluno a professor emérito da UFMG e, finalmente, a professor aposentado pela compulsória; aposentaria à qual resistiu como pode. Frequentou a Faculdade de Ciências Econômicas (Face) da UFMG até que a pandemia fechasse suas portas.

No final dos anos 1950 e na década de 1960, o ambiente na Face, que oferecia cursos nas áreas de Administração, Ciências Econômicas e Sociologia e Política, era muito agitado e afetado pela vibração dos movimentos políticos do país. A convivência entre economistas, sociólogos, historiadores e cientistas políticos contribuía para o amplo debate sobre as diversas dimensões da sociedade brasileira. No ano anterior à sua chegada, uma greve estudantil afastara o diretor da faculdade, Yvon Leite de Magalhães Pinto, gestor inovador que havia admitido ao corpo de professores, em regime de tempo integral, vários jovens recém-formados e criado um inédito sistema de bolsas para os estudantes de graduação, o que estimulou muitos deles, inclusive José Alberto, a seguir a carreira acadêmica. A Face repercutia o clima borbulhante do país. Seus cursos estavam entre os melhores do Brasil. Cito alguns de seus contemporâneos, que, como ele, fizeram brilhantes carreiras: Edmar Bacha e José Murilo Carvalho, imortais da Academia Brasileira de Letras; Paulo Haddad, Fernando Reis, Élcio Costa Couto, Flávio Versiani e Claudio Moura Castro, economistas; Vilmar Faria, Fabio Wanderley, Teotônio dos Santos e Bolívar Lamounier, sociólogos, entre tantos outros.

O movimento político estudantil era efervescente e muito ativo, com expressiva presença dos partidos de esquerda, PCB, Polop e a Ação Popular, que entre seus fundadores tinha os estudantes da Face, Herbert de Souza (Betinho) e Vinicius Caldeira Brant, este, inclusive, foi presidente da União Nacional dos Estudantes (UNE) em 1962-63.

A atividade cultural era também muito vibrante. O cine clube da Face deu cineastas importantes, como Helvécio Raton (*Em Nome da Razão*, *Menino Maluquinho*, *Noites do Sertão* e *Batismo de Sangue*) e Rafael Conde (*Samba-Canção* e *Fronteira*).

¹ Professor aposentado do Cedeplar, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Foi nesse ambiente, agitado e criativo, onde o universalismo e o regionalismo se fundiam abraçados pelas montanhas de Minas, que José Alberto construiu seu saber e suas convicções, ancorados em sólida formação acadêmica e ampla compreensão das relações entre ensino, pesquisa, vida real e prática política. Desse posto privilegiado de observação, ele acompanhou as últimas seis décadas do Brasil, suas crises, seu progresso e os retrocessos e avanços da democracia. José Alberto conviveu com várias gerações de estudantes; a que resistiu à ditadura nos anos 1970, vendo vários de seus alunos serem presos e abatidos pela violência político-militar, a que se mobilizou e participou da campanha pela redemocratização e as mais recentes.

Na docência José Alberto deixou um legado incomparável. Entusiasmado e competente professor, formou coortes de demógrafos até seus últimos dias. Ele tinha no seu DNA a postura clássica do mineiro, que concilia prudência com ousadia. Passava longe dos radicalismos e possuía a qualidade de um conciliador. Analista acurado dos problemas do país, nunca se omitiu em momentos críticos.

Foi um entusiasta de primeira hora do Seminário de Diamantina, do Cedeplar, proposto por João Antônio, Fausto Brito e eu, cujo objetivo era discutir as diferentes dimensões de Minas Gerais no contexto brasileiro – história econômica e demográfica, economia mineira e brasileira e a cultura de Minas –, em uma atmosfera que mantinha as mais sólidas raízes do estado vivas. Nada mais fiel à tradição da Face, que foi integrado à agenda de eventos da UFMG. Até hoje, pelas ruas coloniais de Diamantina, bianualmente circulam professores, estudantes, intelectuais, gestores públicos e empresários. Imagino quanto esse evento sentirá a ausência do professor José Alberto.

Sua intensa e brilhante carreira profissional e seu sucesso não o afastaram de suas mais puras origens mineiras. Mostrava sempre a paixão por sua terra natal, que ele jamais havia abandonado e que o acolheu para sempre, pela vida rural, acompanhando a ordenha do leite no alvorecer, o plantio do milho e a boa conversa com seus colaboradores, e pelas pescarias com a família nos rios desse imenso país, sempre com o cigarro entre os dedos. E quando o ambiente fosse propício, não faltavam um delicioso pão de queijo e um cálice de cachaça.

Quem conviveu com ele nos encontros acadêmicos, nas conferências internacionais, nos seminários de Diamantina, ou em quaisquer outros eventos sociais, sabe como tocava sua alma ouvir *Meus tempos de criança*, de Ataulfo Alves, que o transportava para sua infância em São Vicente de Minas; a missa na matriz aos domingos, celebrada por seu tio, padre Chico; lembranças revividas quando ele próprio cantava com nostalgia: “Eu igual a toda meninada/ Quanta travessura que eu fazia/ Jogo de botões sobre a calçada/ Eu era feliz e não sabia”. E não escondia sua emoção ao ouvir os versos de Ataulfo: “Que saudade da professorinha/ Que me ensinou o beabá/ Onde andaré Mariazinha/ Meu primeiro amor, onde andaré?”

Desconfio que José Alberto fez a viagem de volta para São Vicente de Minas de sua infância, foi se encontrar com dona Mariquinhas, padre Chico, sua professorinha e a Mariazinha.

Pensativo, para encerrar, recorro ao poema *Despedida de João Alphonsus*, de Emílio Moura, professor e ex-diretor da Face: “E, agora, de repente, esse sopro de eternidade ou talvez de infância”.